Vida Mundial Ilustrada

ANO I — N.º 5 — 19 DE JUNHO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O JARDIM BOTÂNICO serviu, há dias, de cenário a uma lindíssima festa promovida por uma comissão de senhoras a favor da Casa de Repouso dos Intelectuais e Artistas. Nela se exibiram, em números de dança rítmica, as alunas de Madame Sosso Doukas Schan. A foto mostra-nos uma atitude de duas delas — Vera Klebanowski e Astrid von Loehr — na interpretação duma peça de Beethoven, verdadeira maravilha de arte coreográfica que a elegante assistência aplaudiu.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida Mundial Ilustrada
JOSÉ CANDIDO GODINHO
Director
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

LUIZ TEIXEIRA
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
MARIA ARCHER
EDGARD MARQUES
HELENA DE ARAGÃO
MÁRIO BARROS, Etc.

ELEGÂNCIAS LISBOETAS

Lisboa não é muito fértil em manifestações públicas de requintada elegância. Principalmente, no que toca a cerimónias ao ar livre, quási está, agora, desprovida delas, pois até mesmo os raros concursos hípicos que por cá havia e serviam a reünir, num agradabilíssimo conjunto de beleza e de suprema galantaria, tudo quanto de fina aristocracia por cá existe, êsses mesmos desapareceram na voragem, de dia para dia mais absorvente, das dificuldades de tôda a espécie provocadas pela guerra.

Êste ano, nem no Campo Grande nem em Cascais, no lindo parque da Marinha, há concursos hípicos. Êste ano, as graciosas damas da nossa alta estirpe, não tiveram nêles a possibilidade de se nos mostrarem, em formosíssimos grupos de encanto e distinção, capazes de bem atestarem que, nesta cidade à beira-mar plantada, quási desconhecida do Mundo, também há belas mulheres, que nada ficam a dever, em gracilidade, gentileza e tentação, às deidades freqüentadoras dos mais famosos campos de corridas internacionais.

Mas nem tudo desapareceu, felizmente. Ainda se mantêm firmes, plenas de encantamento e bom gôsto, algumas, pouquíssimas, exposições, como a de Floricultura, na Tapada da Ajuda, onde as nossas elegantes acorreram em massa, a confundir a sua formosura com a das lindas espécies de aperfeiçoadíssima jardinagem que ali estiveram patentes durante uma semana. Muito difícil seria a escolha, se houvesse alguém de pronunciar-se sôbre quais seriam mais belas!...

E agora, tivemos a mais brilhante Parada de Elegâncias de que Lisboa justamente se orgulha e é, de facto, uma solene reünião de gentes da alta estirpe, num ambiente de delicadeza e fina espiritualidade, que sabe bem apreciar. É a Exposição Canina, no Jardim Zoológico.

A êste certame concorre, com os mais lindos e exquisitos exemplares de cãis, de raças apuradíssimas, desde os minúsculos, quási microscópicos «Pequinois» e «Griffons» até os alentados «Serra da Estrêla» e os majestosos «Grand Danois», a melhor sociedade lisboeta.

É digno de nota o cuidado meticuloso com que senhoras e homens, em porfiado afã, velam pela boa exibição e pelo confôrto dos animais que expõem, alguns dêles avaliados em alto preço, que corre parelhas com o de preciosas jóias.

Dias antes do certame, muitíssimo têm os expositores, e, em especial, as expositoras que fazer. Estas, ao mesmo tempo que acorrem às modistas, às grandes «couturières», para que lhes tenham prontos, a tempo e horas, os vestidos e os chapeus com que hão-de apresentar-se em tão distinta reünião, não podem desviar a atenção dos «retoques» que é preciso dar aos animais que se propõem expor, tanto mais que elas não se dispensam de assistir a êsses «retoques», recusando-se a declinar em outra pessoa êsse cuidadoso encargo.

Não é pouco o que há a fazer aos cãis destinados à Exposição e são em reduzidíssimo número os especialistas nesses trabalhos, pelo que se torna necessário apanhá-los antes que alguma competidora dêles se apodere impiedosamente e, à fôrça de escudos, muito escudos mesmo, demore, com os mais inconcebíveis pretextos, junto do seu, ou dos seus exemplares, o artista frizador, o tosquiador, etc., bastas vezes com o manifesto intuito, aliás bem feminino, de prejudicar esta ou aquela concorrente que está à espera dos serviços dêles...

E, se conseguem o seu objectivo, que enorme satisfação elas sentem!...

Mas, nos dois dias do certame, à hora do chá, no vasto pavilhão do Jardim, como elas são docemente amigas fiéis e lealíssimas!...

É esta, actualmente, a única Parada de Elegância, ao ar livre, que Lisboa vem tendo certa, há treze anos, e que é deveras valiosa e interessantíssima.

S. SABOYA

Esta diferente primavera...

Por Luiz Forjaz Trigueiros

HOJE, não houve sol tôda a manhã. É possível que quando estes apontamentos forem publicados já tenha chegado a Primavera — e o casario de Lisboa, acastelado nas colinas, rebrilhe à luz do dia, embora em grandes e monótonas manchas de amarelo. A verdade é que escrevo, em pleno Junho — e a Primavera ainda não chegou. A Primavera autêntica, melancólico e indefinido queixume, aquela Primavera que há poucos anos ainda começava com o calendário em 21 de Março, mais dia, menos dia, e que doirava Abril em flor.

A Primavera trazia sempre o sol consigo. Mas era um sol especial, que não irritava os olhos nem a pele. Nessas tardes cheias de infinito, parecia que a própria vida deveria suspender a sua marcha e que tudo à nossa volta era silêncio. A voluptuosa melancolia do silêncio...

Até há pouco ainda, a Primavera queria dizer — Poesia. Ela andava instintivamente em nós, na nossa respiração, envolvia-nos na calma silente dos grandes crepúsculos transparentes. Quando a noite descia, a cidade, vista do Tejo, recortava sôbre o Rio uma visão feérica, de sonho. Eram milhares de luzes a descerem pelas vertentes num jôgo estranho e inesperado — a confundirem na mesma prece, o dia que terminava, numa apoteose, com a noite que nascia, num segrêdo. Agora... Hoje, como ontem, não houve sol tôda a manhã. Não há maneira de chegar a Primavera. Dir-se-ia que a Europa teima em lembrar a êste país atlântico a sua presença e a sua tortura. Verdade seja: a ausência da Primavera, êste prolongado inverno, têm sido para Portugal, a única reminiscência da Europa. Da Europa que se esqueceu da Primavera.

* * *

Ainda há — felizmente! — pessoas para quem existe o espectáculo da vida. Da vida que se vê — e da vida que apenas se adivinha. Ainda há — felizmente! — pessoas que sabem escutar a lição das coisas e procurar-lhes o sentido essencial e profundo. Para essas, a vida não é apenas uma constante sucessão de factos, mas, sobretudo, uma experiência interior, rica de significado.

Sim, êste ano a Primavera foi diferente. A Primavera do Calendário, que a outra, a do tempo, anda perdida já nem sei, em que remotas paragens. Mas esta diferente Primavera obriga os homens a meditar, quási inconscientemente, no mistério de certos destinos e de certas mensagens. O milagre de Portugal... Vejam-se as ruas de Lisboa, por estas tardes cinzentas. Compare-se o «clima» que paira nas expressões e na própria fisionomia das coisas. Lisboa e o país inteiro transformaram-se. Foi, primeiro, a afluência inesperada dos estrangeiros refugiados que, há precisamente um ano, vieram até nós em procura duma luz que os guiasse dentre as escuras trevas. Depois, Portugal habituou-se a essa função de cosmopolis de circunstância — e passou a receber, com o coração e com a inteligência, êsses refugiados que recebera apenas com o seu instinto natural de boa-vontade latina.

Um ano correu. Durante estes longos meses aperfeiçoámos o nosso espírito de selecção. Habituámo-nos a escolher o melhor — e a recusar as solicitações do pior. Dêsses milhares de estrangeiros soubemos aproveitar o que nêles, porventura, havia de sentido, do bom gôsto e da Arte, o que êles traziam consigo — mensagem de civilizações superiores, que estávamos aptos a receber e a aproveitar.

Tínhamos, para isso, uma situação única no Mundo. Ao cabo de quinze anos de ascensão e de experiência, Portugal encontrara já o seu caminho. À grande incerteza da Europa, nós podíamos responder, quando a guerra começou, com a serena fôrça das nossas próprias certezas. Quando tivemos que ser refúgio, pôrto de abrigo e ponto de partida — pudemos abrir os braços confiantes ao sofrimento que nos procurou como remédio, à Dôr que nos pediu amparo, e às preguntas a que Portugal indirectamente respondeu. Entretanto, o perfil do país foi-se transformando. Há hoje no ambiente nacional, na atmosfera que vivemos, uma consciência nova. Depois de nos termos reencontrado a nós próprios, ajudámos os outros a fazerem exame de consciência, a atentarem nessa lição de vontade moral e de serena dignidade que o nosso exemplo significa. E o Mundo que tem os olhos em nós — sabe que ainda há neste continente que se desagrega, uma fôrça de unidade, e que enquanto, por tôda a parte, o Espírito se sacrifica às contingências brutais da matéria, temos sabido ser depositários dessas verdades intemporais e eternas a que bem se pode aplicar a admirável definição do maior europeu do nosso tempo: «ideais da nossa civilização que as armas não matam e o fogo não consegue destruir».

Agora, quando percorremos as ruas da capital, à procura do sol, talvez não o encontremos sempre na aparência exterior e efémera dos homens ou da natureza. Mas sabemos que êle está nos espíritos e ilumina as consciências e as almas. Os portugueses olham já hoje, para o Mundo que os cerca, com o olhar firme de quem sabe que cumpriu o seu dever.

* * *

Mas a manhã de hoje, tão triste, foi um cortejo de sombras — e estas considerações à margem dos acontecimentos não conseguem afastar-me da ideia outras Primaveras mais soalhentas e claras, em que o Chiado, à tarde, parecia uma tranqüila artéria de cidade provinciana, com as mesmas caras tôdas as tardes nos mesmos sítios, os «taxis», em fila, numa grande calma pachorrenta, as casas de chá e as lojas mais antigas com o seu público sempre igual e as suas montras a pedir renovação. Tudo isto não foi há muito anos ainda — mas parece que foi há um século. Hoje, o sol é raro, no Chiado e, neste dealbar de Junho, ainda há pelas ruas de Lisboa muitos abafos pesados e uma ou outra gabardine. É certo que as raparigas andam em cabelo, mas já andaram durante todo o inverno... E as duas estações confundem-se numa só, e um céu côr de cinza, como êste de hoje, é, afinal, demasiadamente triste para ser triste.

Até há pouco, a Primavera apenas vestia de galas a Natureza, na imaginação fácil dos poetas convencionais; em mim, porém, nenhuma época do ano exercia tanta influência como essa, com as suas tardes enormes e discretas, com o sortilégio musical dos seus silêncios crepusculares. Então, debruçava-me em qualquer varanda donde se visse o Tejo e perdia o meu olhar inquieto nos longes imensos e misteriosos que nos ensinaram o caminho de tôdas as aventuras.

Para tanto, chegavam-me Santa Luzia, S. Pedro de Alcântara ou — mais prosàicamente — a ponte do elevador de Santa Justa. Nessas tardes, simultâneamente gloriosas e doentias, tudo era para mim uma janela aberta sôbre o sonho. Mas agora — esta Primavera é diferente, e encontro-me a pensar, de vez em quando, naqueles versos franceses que Katherine Mansfield gostava de citar:

«Le temps des lilás et le temps des roses
Ne reviendra plus à ce printemps-ci,
Le temps des lilás et le temps des roses
Est passé; le temps des oeillets aussi.

Le vent a changé; les cieux sont moroses
Et nous n'irons pas couper et cueillir
Les lilás en fleur et les belles roses;
Le printemps est triste et ne peut fleurir.

Acabo de transcrever estes versos e pregunto a mim próprio se, realmente, esta Primavera é diferente das outras — ou se tudo quanto escrevi foi imaginação literária... É certo que tudo mudou hoje — no Mundo e em mim, é certo que o tempo das rosas e dos lilazes nunca mais há-de voltar para quem sabe que o seu perfume só uma vez na vida se respira. Mas sentir isto mesmo — e poder escrevê-lo — não será ainda um milagre da Primavera e destas tardes que, a-pesar-de tudo, ainda nos falam uma linguagem secreta de confidência?

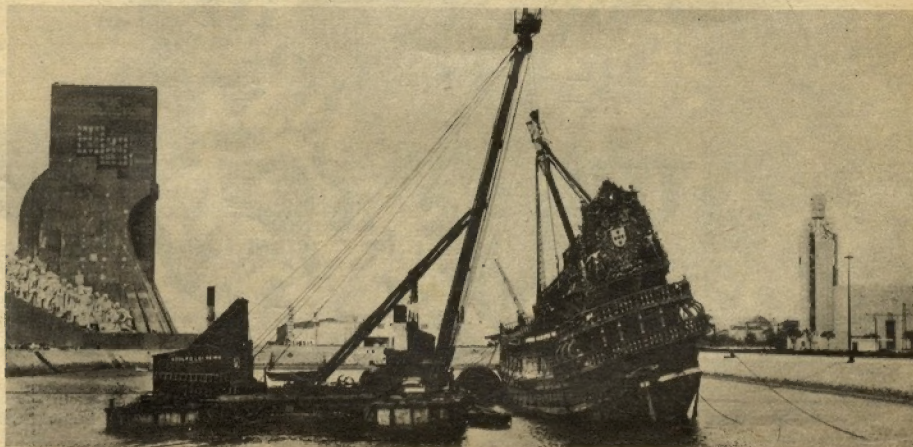
Na verdade, estou bem acompanhado nesta manhã cinzenta porque estou sòzinho com as minhas sombras. E as sombras ajudam-nos a sonhar. Da rua sobe até ao quarto onde escrevo, a música que todos os dias a esta hora dois cegos arrastam pelo bairro. Hoje, não tocam, felizmente, a «Balalaika», mas uma canção dolente cujo nome ignoro. Ilusão da música, o dia tornou-se mais claro e uma réstea de sol pousou devagar na varanda vizinha; no silêncio da tarde só os acordes tristes das violas cortam, plangentes, a secreta harmonia dos outros sons que não se ouvem. Fecho os olhos, esqueço a guerra, Lisboa, os estrangeiros, o movimento da Baixa, julgo que tenho outra vez quinze anos e que a vida não mudou e que tudo é fácil, simples, natural...

Talvez seja também uma ilusão, mas parece que chegou agora a Primavera.

O INSTITUTO DE ODIVELAS comemorou há dias, com uma interessantíssima festa, o 41.º aniversário da sua fundação. Ao mesmo tempo, celebrou-se o encerramento do ano lectivo e a inauguração da exposição de trabalhos escolares. À esquerda — em cima e em baixo — damos dois aspectos da festa: o orfeão do Instituto, que cantou canções populares; e a representação do quadro histórico do professor Ferreira de Simas, «D. Felipa de Lencastre em Odivelas».

A PARTIDA PARA A AMÉRICA DAS CRIANÇAS refugiadas da guerra que, durante algum tempo, estiveram a descansar na Colónia Balnear de «O Século», em S. Pedro do Estoril.

O SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS foi alvo de significativa homenagem por parte de todos os municípios do Continente. A foto, à esquerda, mostra-nos um aspecto da cerimónia que se efectuou na sala do Conselho do Estado, com a assistência de vários membros do govêrno. O sr. prof. Mendes Correia, presidente da Câmara Municipal do Pôrto, fêz o elogio do sr. eng. Duarte Pacheco e leu a mensagem que lhe foi entregue.

A NAU PORTUGAL, que tantas horas de encantamento proporcionou aos visitantes da Exposição do Mundo Português e que o ciclone derrubara, foi posta novamente a flutuar. A foto, à direita, mostra-a junto da cábrea que foi utilizada nos trabalhos.

Eu vi combater os soldados RUSSOS

Reportagem de Amadeu de Freitas

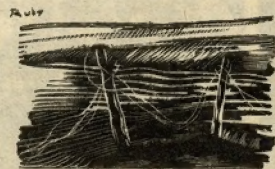
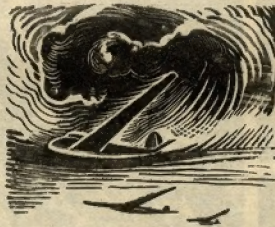
— Então, vamos?

— Vamos lá!

Estávamos à porta do Hotel Kamp, na Esplanadink, em Helsínquia, quando o dr. Mausiska, jornalista poliglota, chefe da redacção do «Helsinky Sanomat» veio alegremente trazer-nos a notícia de que podíamos seguir para a frente do Istmo, para lá de Viborg, hoje terra russa.

Aprontámo-nos à pressa e corremos para a estação. Dez minutos depois, entrávamos num combóio branco — na Finlândia, durante a guerra, era tudo branco — um combóio cheio de tropas, onde se asfixiava. A viagem foi tormentosa, horrível, pois para percorrermos cento e vinte quilómetros, estivemos fechados naquela carruagem cheia de fumo e de soldados quási cinco horas. Descemos em Kouvola, uma cidadezinha sem habitantes, onde a neve cobria e disfarçava as ruínas das casas desmanteladas pelas bombas. Avante! O combóio ficava por ali, porque, quilómetros adiante, as pontes haviam sido destroçadas. A custo, descobrimos um automóvel, um velho «Ford» muito alto e gemebundo, um dêsses carros de «calça arregaçada» que havia dantes, lembram-se? O pobre «Ford» estava abandonado num barracão e o guarda, um coxo de trágicas feições, um tipo repelente, de olhar indeciso e desconfiado — o «Quasimodo» por alcunha nossa — dispôs-se a levar-nos... se lhe comprássemos o automóvel e pagássemos adiantadamente... Que remédio! Cotisámo-nos, juntámos os marcos e demos o dinheiro ao «Quasimodo». «Vamos, então?—Preguntou-lhe Mausiska». «Um momento, volto já...» E, a coxear, lá foi, para só voltar meia hora depois. «Porque se demorou tanto?». «Então os senhores queriam que fôsse para Viborg com o dinheiro na algibeira? Fui guardá-lo...

Gasolina até Viborg arranjou-se «emprestada» no comando militar local, cujo tenente ainda é capaz de estar à espera que lhe paguemos a dívida...

Finalmente partimos. Minutos após, entrámos na floresta branca e silenciosa, a floresta dos fantasmas, onde as árvores são esguias e trágicas silhuetas brancas, como se fôssem árvores de vidro. A beleza estranha, dominadora, enervante, desta brancura

sempre igual, esmagava-nos, deprimia-nos. O frio —estávamos próximo dos 30 graus centígrados negativos — começava a sua obra, vencendo as peles e o conhaque, preparando-se para nos vencer a nós. O «Ford», sempre a gemer e a cantar, dando a impressão de que, mais quilómetro menos quilómetro, ficaria partido aos bocados no meio da estrada, atravessava penosamente á floresta que parecia não ter fim. E, se a gasolina acabasse ou o «calças arregaçadas» se desfizesse — como sairíamos da floresta branca? «Não pensemos em coisas tristes—disse-me um colega. Vamos ver os soldados russos, é o que interessa». Pois sim... Lá adiante, a uns seis ou sete quilómetros de Viborg, depois de passarmos ao lado dos despojos de um «caça» russo tripulado por uma rapariga cujo cadáver enregelado mostrava ter sido bonita e elegante — «não há direito!, disse revoltado, a guerra não devia ser para as mulheres!» — a neve desatou a cair desalmadamente, em grandes e lindíssimos flocos e, em certa altura, a estrada, mesmo para o pobre e gemebundo «calças arregaçadas» ficou intransitável. Um arranco, outro arranco, mais outro ainda — e o velho «Ford» enterrou-se. Olhamo-nos, pálidos. «E agora?» «Agora, respondeu «Quasimodo» para Mausiska, temos que ir a pé...» «É preciso ir a pé!» A pé pela floresta, com a neve a quási um metro de altura! Tive a impressão de que Mausiska estava a brincar, mas êle próprio me tirou a ilusão: «E é já, senão gelamos aqui parados.»

Viborg, retalhada de feridas, a poucos quilómetros do Istmo e da Rússia

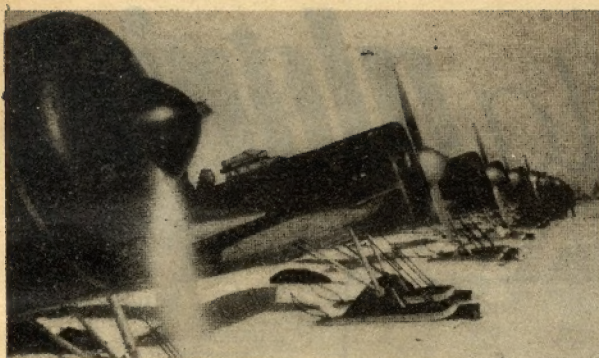
Não vale a pena falar nessa trágica caminhada da floresta para Viborg, o maior pôrto da Finlândia, o melhor do golfo. Pobre cidade mártir! Como ela estava, cheia de cicatrizes e de feridas, com ruas inteiras devastadas, com ruas inteiras desaparecidas sob os escombros! De vez em quando, enormes bi-motores cinzentos com grandes estrêlas vermelhas na cauda escureciam o céu e lançavam bombas e mais bombas. «Aí vêm êles!» — gritávamos, e logo fugíamos para um abrigo. A güela escancarada na neve engulia-nos — e ali estávamos, a contar as explosões, à espera que nos deixassem ir para o Istmo. «Sim — dizia um colega — porque para ver aviões a deitar bombas não é preciso vir à Rússia».

«Vá lá fora e olhe para o céu, lá os vê». «No céu são todos iguais... O que êles querem, lá na América, é que eu veja os russos e lhes diga como é o fardamento». De resto, o que nós todos queríamos era ver os russos, desfazer o mistério, olhá-los bem de frente, falar-lhes, se possível fôsse. O que nós queríamos, era ter a sensação de uma pequenina parcela da verdade verdadeira da Rússia envolta na bruma do segrêdo e do mistério. A Rússia onde não podíamos ir, a Rússia onde estava e está a decorrer a maior tragédia social de todos os tempos, obsecava-nos. «É preciso ir, haja o que houver, suceda o que suceder!». Começou a escurecer. Os aviões russos desapareceram do céu negro e triste. Viborg, a escorrer sangue, envolveu-se em densa treva. Caía a neve e não se via ser humano. Trágico silêncio de Vilborg moribunda!

...E nessa noite, três repórteres loucos — êste vosso criado, um americano e um italiano — avançaram sòzinhos, de Viborg para o Sul, ao longo da via férrea de Leninegrado, fugidos ao comando militar, sem mantimentos, sem uma arma, sem nada a não ser a nossa loucura e a nossa ânsia irreprimível — de ver os russos.

«Lá estão êles» — È o canhão troava e fazia tremer a floresta

Andámos duas horas sôbre as travessas da via férrea. O termómetro que o americano levava pendurado na barriga — como os guardas nocturnos

SOLDADOS RUSSOS, surpreendidos na «grande planície branca» pelas patrulhas finlandesas, rendem-se sem resistência aos defensores do território finlandês.

VIMOS ENTÃO OS AVIÕES COM PATINS, a deslisar na neve rebrilhante...

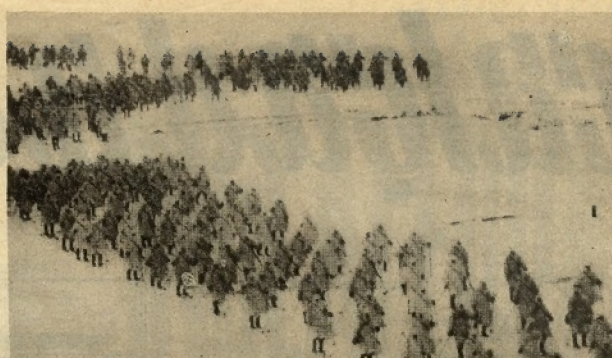
TROPAS CINZENTAS, massas compactas de soldados a deslizar na pista branca.

prendem as lanternas — marcava 33° centígrados negativos. A respiração tornava-se cada vez mais difícil, pois quando aspirávamos o ar frio tínhamos a sensação de que arames incendiados nos atravessavam os pulmões. Para a frente! Continuámos, heróis à fôrça, porque parar seria morrer. Ah! heroismo e valentia, como eu vos conheço agora!...

Lá adiante, lobrigámos dois vultos e dissemos, quási ao mesmo tempo: «E se estes tipos nos prendem?» E prenderam-nos, como os senhores estão a calcular, e levaram-nos para o pôsto do comando de Perkjarvik, a menos de um quilómetro do quartel general de Mannerheim. Abençoada prisão! Mostrámos os papéis, bebemos, fartámo-nos de rir — e comemos excelentes batatas cozidas, queijo e pão. «E agora?» «Agora, para a frente.» O pior parecia ter passado, porque o bom coronel Erkko, amável e amigo, nos autorizou a seguir, acompanhados por um alferes que ia em missão à linha fortificada. «A Madona protege-nos», disse o italiano. «Talvez. Vamos». De repente — pum! pum! pum! «Lá estão êles». O canhão começou a troar. Depois outro e outro e outro ainda, muitos. A terra tremia e o céu iluminava-se, de vez em quando, com o estoirar das granadas. Deitámo-nos sôbre a neve. Agora, já ouvíamos as metralhadoras a matraquear. «São as pequenas «girls» a acompanharem as «estrêlas», disse o americano. «Ao menos já ouvimos a voz dos russos»...

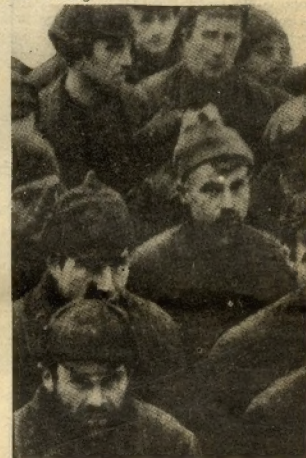
E entrámos nas trincheiras brancas e nos fortins de cimento — A linha Mannerheim...

Entrámos em Valkjarvik, a cêrca de trinta quilómetros da Rússia. Trinta quilómetros, um quarto de hora de automóvel... Seguimos, mais para além, mais para a Rússia, Atravessámos, num belo trenó, a planície e, depois, com mais dois goles de conhaque a dar-nos valentia, heroismo, coragem — como é fácil e banal ter tudo isto! — subimos o monte, o primeiro da cordilheira do Istmo, que separava a Finlândia da Rússia.

Chegámos, finalmente. Lá estavam as trincheiras brancas, a desafiar a outra planície, lá para os lados de Rajajoki, em pleno território soviético. Mais adiante, mais alto, divisámos os fortins de cimento, de cada um dos quais saía o cano de um canhão. E arame farpado, e mais fortins, e homens escondidos nas trincheiras. E mais nada. Aquilo era a linha Mannerheim. «Bolas! E eu a pensar que isto era uma coisa como a linha Maginot!...» Outra vez a dança: os canhões berravam e de lá de baixo outros canhões respondiam. «E os russos?» «Vamos ver?» Esperámos que o tiroteio abrandasse e fomos. Rastejando pela neve com mil cautelas, avançamos de vagar, metro a metro. Por fim, quando atingimos um alto montículo coberto de neve mole — esplêndida defesa para as balas — olhamos. E vimos, lá em baixo, a Rússia e os seus soldados...

Maravilhosa e inesquecível planície gelada! Lá estão êles! Lá estão êles! Agora, sim, vimos os russos. Estão lá em baixo, a correr na planície, massas cinzentas a deslizarem na pista branca e rebrilhante. Lá vem êles, a avançar em formações compactas, atrás de trinta ou quarenta «tanks», pretendendo — calculámos nós — dominar os fortins avançados e iniciar a escalada do monte. Lá estão êles... Pensámos uns segundos, regulámos melhor os binóculos. Mas «êles» são soldados como os outros, tal qual como os outros, com fardamento semelhante e armas quási iguais...

Vimos os russos!

Corriam como loucos pela planície e caíam desamparados, ceifados pelas metralhadoras. É horrível. Vimos, então, os «tanks» a avançar, a abrir caminho à infantaria. E vimos, espantados com tanta audácia, a luta do homem contra o «tank», três homens para cada máquina, três heróis finlandeses que morriam sempre. Lá vêm êles! A multidão cinzenta avançava, Lá em baixo havia uns seis ou sete «tanks» esventrados, mas os outros tinham chegado à falda da montanha... Como formigas em carreiros, os soldados russos começaram a escalada, mas cá em cima, dos fortins, as metralhadoras e os canhões vociferavam...

E durante dias e noites a luta prosseguiu. Até que um dia, os fortins calaram-se e os soldados russos, iguais aos outros, passaram a linha, entraram em Viborg...

PRISIONEIROS RUSSOS num campo de concentração finlandês em 1940.

calçada da glória...

A GLÓRIA

ANATOLE France escreveu:

— A cozinha francesa é a melhor do mundo; e esta glória suplantará, sem dúvida, tôdas as outras, no dia em que a humanidade, entrando na plenitude do seu juízo, colocar as frigideiras acima das espadas...

Não faltará quem afirme que Anatole está na razão.

MAFRA

NO último Congresso Eucarístico realisado em Mafra, um *ciceroni* apontou a um grupo de congressistas o convento.

— Mas é enorme! — exclamou em dêles.

Logo o *ciceroni:*

— Pois por dentro ainda é muito maior!

O FAUNO SOVINA

MARIA Archer que surgiu, há dias, em pleno Chiado, com um chapéu flamantíssimo, publicou agora um livro de novelas a que deu o título de *Fauno Sovina*.

Há dias alguém dizia a propósito dêste volume:

— Sovina, conheço; agora fauno...

LINHA DO ESTORIL

A conhecida declamadora D. Alice Oeiras, com os seus cabelos loiros e o seu espírito mais loiro ainda, realizou uma noite destas um aplaudido recital na Casa das Beiras. No dia seguinte recebeu pelo correio um postal com a seguinte quadra que me permito transcrever:

Outras levou à *Parede*...
Por isso vénia lhe peço
P'rá felicitar, D. *Oeiras*,
Por mais êste *Bom Sucesso!*

UM DUELO?

CARLOS Olavo publicou, há pouco, um volume sôbre João das Regras. Alfredo Pimenta saiu à estacada atacando o volume. Resposta de Carlos Olavo. A inevitável polémica. Carlos Olavo diz que sim; Alfredo Pimenta diz que não. Um defende João das Regras; o outro ataca-o. Segundo nos consta, João das Regras vai desafiar ambos — para um duelo... Fundamento: não o deixarem tranqüilo no além-túmulo.

ALVES DA CUNHA

NO cortejo histórico que o ano passado se realizou na Exposição do Mundo Português, ao grande artista Alves da Cunha coube o papel de Afonso de Albuquerque. Quando o cortejo terminou — o dia tinha estado dum calor sufocante — Alves da Cunha não pôde deixar de exclamar, cofiando as barbas:

— Nunca senti uma coisa destas! Tenho a impressão de que me cresceram estas barbas, com o sol!

FILÓSOFOS

OUVI, há dias, êste comentário:

— O velho mundo está mau; o novo mundo não está melhor. Só há uma solução: meter na mala um par de cuecas e ir para o outro mundo...

Há pequenos episódios que definem melhor um homem do que longos tratados de história e pesados volumes de psicologia.

Uma tarde, há meses, Afonso Lopes Vieira, de pijama azul e de monóculo faiscante, estava sentado à sua mesa de trabalho, escrevendo, quando tocou fortemente a campainha da porta, e a criada veio anunciar um sujeito que desejava falar ao poeta.

— Não disse quem era?

— Disse que era D. Pedro, D. Pedro não sei quê...

— Que faça favor de entrar.

Instantes depois um homem alto, forte, de cabelo desgrenhado, entrou e exclamou, logo, numa arrogância:

— É o poeta Afonso Lopes?

— Eu mesmo. Ao dispor de V. Ex.ª.

— D. Pedro, o primeiro...

— Muita honra em conhecê-lo pessoalmente. Faz obséquio de se sentar...

— O assunto que aqui me traz é para ser tratado de pé. Ficarei de pé.

— Nesse caso como quiser...

— Não são necessárias palavras inúteis, meu caro senhor. Dizem-me que tem em seu poder uma madeixa de cabelos de Inez de Castro. Exijo que ma restitua.

— Mas...

— Nem mas, nem meio mas... Essa mulher amou um único homem na vida: fui eu. Nenhum outro homem poderá ter licitamente em seu poder uma madeixa de cabelo que lhe não pertence.

Num relance, Afonso Lopes Vieira mediu o acontecimento. Sim, era verdade! Êle tinha, de facto, em seu poder, quási por um milagre, alguns fios de cabelo de Inez de Castro, guardados num pequenino cofre de ferro forjado! Mas entregá-los era perder uma relíquia preciosa; não os entregar era talvez — quem sabe? — arriscar a própria vida. De repente teve uma ideia: pegou no cofre que estava sôbre a mesa; abriu-o; tirou na ponta dos dedos um minúsculo floco de cabelos e mostrou-os ao visitante:

— Estes cabelos, veja bem, não são de Inez de Castro...

D. Pedro pegou neles, olhou-os, examinou-os e reconheceu:

— Na verdade os de Inez de Castro eram ruivos, e estes são prateados...

— Pois não tenho outros, palavra de honra!

— Nesse caso, peço-lhe mil perdões. Enganaram-me. Coisa terrível, os boatos!

E saiu.

A explicação é simples: Afonso Lopes Vieira, homem do passado, não se esquece nunca de que é um homem do presente. E, assim, um belo dia, mandou platinar os cabelos de Inez — para que a sua adorada andasse à moda... Não conhecemos melhor retrato de Afonso Lopes Vieira — figura de ontem e de hoje...

LIÇÃO DE HISTÓRIA

QUANDO Guedes de Amorim, o romancista da «Aldeia das Águias», fêz exame de história, o professor preguntou-lhe o que é que êle sabia a respeito dos godos e dos wisigodos na península.

— Não sei nada — respondeu o examinando. Não conheço essa gente...

— Não conhece?

— Palavra de honra! Só conheço os Guedes e os Wisiguedes... de Amorim!

INVENÇÕES

NUM grupo de pessoas, entre as quais se encontravam o conhecido escritor de teatro Amadeu do Valle e sua espôsa, falava-se de invenções e de inventores; citavam-se as descobertas dêste século; e aludia-se a alguns homens cuja inventiva podia considerar-se excelente.

— O maior inventor de todos é o meu marido! — exclamou, a certa altura, a mulher de Amadeu do Valle.

— Sim! Porquê? — todos os presentes inquiriram.

— Se soubessem o que êle inventa quando vem tarde para casa...

TÁVOLA REDONDA

O ilustre poeta Augusto de Santa-Rita, espírito brilhante como o seu monóculo, lançou, há tempo, um manifesto em que, fazendo o elogio da Poesia, atirava ao público a notícia da constituïção duma nova *Távola Redonda*. Passaram-se tempos. Nunca mais se ouviu falar em tal. Há dias alguém preguntou a Santa-Rita:

— Então como vai essa *Távola Redonda?*

Logo êle, franzindo o nariz:

— Bastante bicuda!

UM DIRECTOR

JOSÉ Cândido Godinho, director desta *Vida Mundial* — desta e da outra — nada deve à gordura, mesmo porque a sua infatigável actividade lhe não permite criar banhas. Nem por isso, e talvez por isso mesmo, deixa de ser um «robusto» director. Armando Ferreira ainda ontem dizia dêle:

— O Godinho desde que a *Vida Mundial* tira 40.000 exemplares já não se assina senão José Cândido Gordinho!

MUSEUS

NUMA das salas do palácio Farnése, diante duma estátua de mármore, um petiz de dez anos interroga o pai:

— O que representa, papá, esta estátua sem braços e sem cabeça?

O pai, circunspecto:

— O Diplomacia.

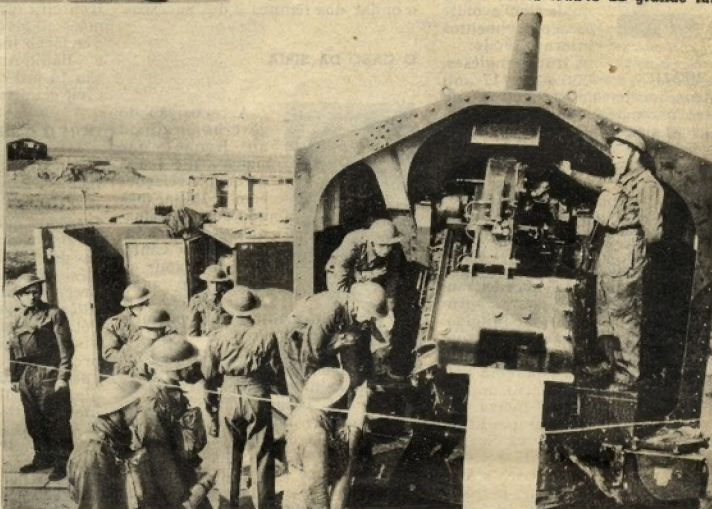
PILÓ

DIZIA-ME, há pouco, Piló — o grande artista dos bonecos de madeira recortada — ao preguntar-lhe se Piló era nome ou pseudónimo:

— Piló é o pseudónimo do meu próprio nome: Piló.

Luís d'Oliveira Guimarães

Os soldados que defendem a INGLATERRA

SOLDADOS DE TÔDAS AS ARMAS E DE TÔDAS AS PARTES DO IMPÉRIO BRITÂNICO defendem a Inglaterra e fazem a guerra em tôdas as frentes. Destinguem-se, entre todos, pelo seu apêgo à luta, pelo seu desprêso pelo perigo e pela sua vibrante mocidade, os pilôtos da R. A. F., cujos aparelhos cobrem o céu na ilha e nos vários teatros da grande luta.

O TERRITÓRIO INGLÊS exige cuidados especiais de defesa. Vemos na foto (em cima, à direita) o trabalho duma guarnição duma peça de longo alcance, colocada na costa inglesa.

NO MAR, SÃO OS MARINHEIROS que velam pela segurança da Pátria. Aqui vemos dois dêles, na foto da esquerda, carregando uma peça anti-aérea.

O REI E A RAINHA visitam frequentemente os seus soldados, encorajando-os com palavras animosas e felicitando-os pelo seu comportamento na luta. As duas fotos mostram-nos dois aspectos de revistas de tropas — à esquerda, uma formação dos Serviços Auxiliares Femininos; à direita, um destacamento de paraquedistas.

Panorama Internacional

A guerra das duas Franças

* por Francisco Velloso *

MENZIES

A imprensa do dia 2, trazia a par duas notícias que, cada qual por sua banda, representavam dois factos sôbre os quais iam evoluir os acontecimentos internacionais: — as tropas inglêsas, cêrca de 17 mil homens, acabavam de retirar de Creta; os inglêses assinavam com os iraquianos um armistício.

O primeiro ministro australiano, Menzies declarava nêsse mesmo dia em Melbourne: «A defesa de Creta habilitou as tropas britânicas a esclarecer a situação no Iraque e deu tempo a trazer tropas da Etiópia e a reforçar os dispositivos ao longo da fronteira sul da Síria. De futuro não sofreremos, como sucedeu em Creta, de falta de bases aéreas apropriadas para o ataque ao inimigo. Embora a posição seja perigosa, não há razão para pessimismos».

Com estas palavras, parecia volvida uma página da guerra no Mediterrâneo. Esclarecido ficava que assim como, durante a campanha na Grécia, a Inglaterra fitava Suez e Alexandria, agora, durante a defesa da ilha cretense, olhava para a Arábia e para os caminhos do petróleo e da Índia. E preferira evidentemente êstes àquela.

Reconduzira o antigo regente e o antigo govêrno aos seus postos, e declarava que o acto da repressão da revolta (completada pela ocupação de Mossul onde, constára haver acampamentos alemães e onde dias depois, a 6, de Vichy diziam haver combates com italianos!) confirmava o respeito de Londres pela independência do reino.

Facto digno de nota, era, porém, o de que o chefe da insurreição em vez de seguir na sua fuga para a Turquia tomara rota para o Irão. Isto assinalava claramente a atitude de Ankara diante do problema de todo o Próximo Oriente, e se de lá não vieram declarações oficiais, sabia-se que tal questão fôra vivamente debatida em reüniões do partido que sustenta o poder público. Von Papen instava o govêrno turco para se colocar ao lado do *Eixo*. De Roma, talvez inconfidentemente, chegou a anunciar-se para muito breve a passagem de tropas alemãs e italianas para o Iraque, negociada em troca de ser conservado à Turquia o predomínio nas ilhas do Egeu. Foi, pouco mais ou menos, nessa altura que Eden enviou a Ankara a famosa *mensagem animadora*, certamente a invocar a aliança turco-britânica.

A verdade é que a notícia italiana não se confirmou. A Turquia cobriu com a sua atitude de neutralidade a possibilidade do contra-golpe inglês no Iraque.

Conhecida a ligação permanente que, salvos os incidentes naturais nestas relações, liga Ankara a Moscovo, pode supôr-se que Estaline soube prèviamente da decisão turca. Uma entrevista entre o chefe russo e Hitler, logo pressurosamente aventada, não se confirmou. O serviço turco prestado a Londres, com uma lealdade sem fendas, e numa hora de enorme perigo, foi sem dúvida inestimável. O que êle representa e vale, se saberá depois com o andar dos tempos e dos sucessos.

O CASO DA SIRIA

EDEN

A reposição do govêrno legítimo no Iraque — que lògicamente acaba de cortar relações com a Itália, mas não com a Alemanha — deu aos inglêses uma vantagem de grande alcance. Só mais tarde poderá avaliar-se se ela contrabalançou, mesmo em parte, a perda de Creta e o seu pesado custo na esquadra de Cunningham, mas sem dúvida desafogou a situação dos inglêses, cujo núcleo da Transjordânia, guarda-avançada de Suez por leste, se encontraria em difícil posição sem o Iraque seguro, pois quedaria, quási com flanco e rectaguarda tomados.

A conseqüência disto era que os alemães teriam de procurar atingir a Inglaterra no Próximo Oriente por outra via — a da Suez e a da Síria. O pacto de Berchtesgarden tinha de entrar em execução, agravando o conflito entre a França e a Inglaterra.

Foi a *guerra dos desmentidos*. A partir do dia 3 de Junho o tiroteio é contínuo entre Londres e Vichy, afirmando a primeira, com o apoio da Agência Panarabe de Ankara e referências a meios autorizados turcos, que alemães passavam para a Síria através da Turquia com falsos passaportes búlgaros, que aviões alemães sobrevoavam as terras da república com igual destino, e retorquindo Vichy ou o general Dentz que *não há tropas alemãs* no território do mandato. Weygand era chamado do norte africano para dar a sua opinião sôbre a crise das relações franco-britânicas em conselho de ministros. No dia 2, declarava em entrevista ao correspondente da *United Press* em Argel: «*A grande massa da população francesa da África do Norte opõe-se à ocupação da mínima parcela de território*, seja por quem fôr. *Defenderei o Norte de África e não permitirei que o seu solo seja pisado por tropas invasoras. Temos ainda aqui, em África, uma fôrça militar muito apreciável, que é capaz de fazer frente a tôdas as emergências*».

Há um mês, Weygand dissera: «*Até contra a Alemanha*».

A 4, De Gaulle vinha instalar o seu quartel-general em Haifa. Aderiam à sua causa os funcionários do Consulado francês em Ankara. A informação de haver alemães em Alepo corria nos Estados Unidos. O almirante Leahy embaixador norte-americano em Vichy inquiria Pétain sôbre a efervescência das notícias e só recebia do marechal a declaração de que a França defenderia o seu império contra a Grã-Bretanha. A acrimonia acentua-se a 5. Da fronteira turca insistem que há alemães no aeródromo de Palmyra que a aviação inglêsa ataca logo depois, e Rádio-Ankara concretiza que são 15 mil os alemães que em traje civil acudiram à Síria.

COM O CONSENTIMENTO DO «EIXO»

Uma nota oficiosa de Vichy tornava público que as fôrças de Dentz, *consideràvelmente reforçadas com o consentimento das potências do «Eixo»*, estavam capazes de repelir qualquer agressão inglêsa. Era a 5 de Junho e tudo se precipitava. Do outro lado do Atlântico, já depois da resposta de Pétain ao embaixador Leahy, o ministro Cordell Hull afirmava à imprensa que a passagem da França «para o campo do agressor» mediante a colaboração com êste, podia prejudicar as suas relações com a América do Norte: «Washington cortará relações com a França se esta cooperar com a Alemanha». A R. A. F. bombardeava aviões italianos em Alepo, e Chipre sofria os primeiros «raids» aéreos alemães. O govêrno francês, já crescendo de tom, asseverava em nota oficiosa que o estado-maior-inglês não possuía fôrças bastantes para o ataque à Síria. Bombardeiros alemães em vôo para o sul, eram obrigados a descer *em pannes* em território turco. Laval anunciava o seu regresso a Vichy.

DE GAULLE

A 9, tropas inglêsas e do general Catroux, às ordens de De Gaulle passavam a fronteira da Síria. O parêntesis aberto com a rendição da França fechava-se nas fronteiras sírias do sul. E da guerra dos desmentidos passa-se à guerra das proclamações.

A Inglaterra e a França Livre afirmavam em Londres o seu direito de evitar que a Síria caísse sob o mando das potências do «Eixo», porque «o destino da Síria está política e moralmente ligado ao do Iraque». Catroux em nome de De Gaulle, em outra proclamação declarava extinto o mandato francês e recuperada a independência síria. De Vichy insistia-se na injustificação do ataque inglês por não haver tropas alemãs no território. «Alea jacta erat». O *estado de facto* determinando o estado de guerra que revira a França contra o seu antigo aliado, estava criado, dentro do plano de Montoire e de Berchtesgarden: a Wilhelmstrasse podia declarar no dia 9 que, não houve nem há tropas alemãs na Síria, e que portanto, trata-se de um caso restricto à Inglaterra e à França.

PRECIOSA COINCIDÊNCIA

ROMMEL

É curioso notar que, além do *qui-pro-quo* que regirava em tôrno da expressão *tropas alemãs*, a qual pode significar *fôrças militares organizadas* — em vista do que tanto Vichy poderia ter razão em negar a sua existência na Síria, como Londres ao teimar na concentração *de alemãis* lá, sem lhes chamar *tropas* — uma coincidência aparecia feita ao romper das hostilidades, entre a imprensa dos dois novos adversários, e pode bem ser que tudo a-final rode à volta da realidade que nela se contém.

O jornal francês *Effort* escrevia: «A Inglaterra quere ainda salvar o seu império ameaçado pelas fôrças do «Eixo» sobretudo depois que conquistaram Creta. Quere, o mais ràpidamente possível, defender o Egipto porque o Egipto é Suez, e Suez é o Império. Empenha-se com todos os meios a impedir que de Gibraltar ao Golfo Pérsico o círculo se feche à sua volta. O ataque à Síria é uma tentativa para demorar o que ela considera uma catástrofe».

Ora, a Imprensa britânica vinha há três para quatro dias bradando a Churchill, e já em tons cominatórios que poderiam ter repercussões políticas internas, que atacasse a Síria imediatamente. E o *Daily Mail*, rompido o ataque, comentou: «Se nós não tivéssemos entrado na Síria, os alemãis teriam fortificado aquele país de tal maneira que *Chipre seria conquistada e possìvelmente a Palestina teria o mesmo destino, enquanto o Egipto ficaria em perigo iminente.*» Substancialmente estes pontos de vista são idênticos. Só haveria a concluir que não cedendo aos inglêses ou cedendo aos alemãis, o resultado da atitude de Vichy nunca poderia ser na Síria favorável aos primeiros. Só assim mesmo se compreende que simultâneamente o general Wawell exposto, (e segundo se diz com centenas de milhares de soldados) a arrostar uma próxima ofensiva do general alemão Rommel contra o Egipto, abrisse uma ofensiva contra o general francês Dentz na Síria.

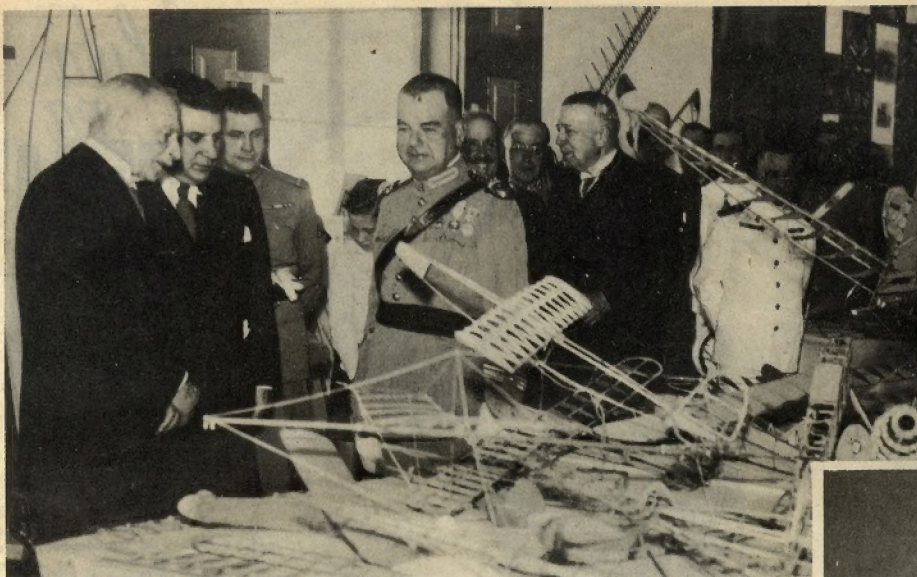
«Desta vez, dizia o «New York Herald Tribune», a iniciativa deixou de ser alemã». De facto assim é, e pela vez primeira, depois da excepção de Wawell contra Graziani e o duque de Aosta, e da R. A. F. contra as zonas industriais alemãs. Há, porém, nesta luta, alguma coisa de novo: — o general De Gaulle que de comêço tirara a condição de não lutar contra franceses, renunciou a ela. Dirá que assim procedeu porque Darlan renunciou à declaração feita por Pétain em Abril dêste ano de que a

(Continua na pág. 12)

O GENERAL SIR HENRY MAITLAND WILSON, comandante das tropas invasoras da Síria, conversando com alguns soldados da Transjordânia que o acompanharam na acção contra as fôrças de Vichy. Em baixo: os três comandantes das tropas aliadas no Norte de África e no Próximo Oriente: Wawell, De Gaulle e Catroux.

UMA UNIDADE NAVAL DAS «FÔRÇAS LIVRES FRANCESAS» em operações ao largo da costa síria — colaborando com a Armada britânica — é visitada por De Gaulle.

TROPAS ARABES DO DESERTO, que partiram do Iraque em direcção a Aleppo, um dos mais importantes objectivos da Síria do Norte.

Acontecimentos da SEMANA

O SR. GENERAL CARMONA assistiu ao acto de encerramento dos cursos no Colégio Militar. Vemos na foto, em cima, o Chefe do Estado, com o sr. Sub-Secretário de Estado da Guerra, assistindo à exposição de trabalhos escolares.

A EXPOSIÇÃO CANINA DE LISBOA teve êste ano, mais uma vez, um cunho acentuadamente elegante. Na foto, vêem-se algumas das muitas expositoras no momento da classificação, no Jardim Zoológico.

EM CIMA: Um aspecto dos exercícios dos alunos do Colégio Militar no campo de jogos daquela instituição. À DIREITA: Dois dos bailados apresentados, com grande êxito, no Teatro de S. Carlos, durante as récitas de caridade ali realizadas recentemente por iniciativa duma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da Casa de S. Vicente de Paulo e da Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

ANTÓNIO FERRO que, à frente do Secretariado da Propaganda Nacional, tem desenvolvido uma acção notável, tomou recentemente posse do lugar de presidente da direcção da Emissora Nacional. Ao acto, assistiu o sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que se vê nas fotos, ao lado do empossado quando êste pronunciava o seu discurso e assinava o auto da posse.

NA LIGA NAVAL, foi prestada homenagem ao sr. comandante Fontoura da Costa. Efectuou-se com êsse fim uma sessão solene, de que damos um aspecto, no momento em que era descerrado o seu retrato.

A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS dedicou a sua última sessão ao Brasil, aos seus valores nacionais e à consagração da amizade intelectual luso-brasileira. Sete dos maiores escritores do país irmão foram eleitos sócios correspondentes da Academia, e o embaixador do Brasil em Portugal, sr. dr. Araújo Jorge recebeu as «palmas de ouro» daquela agremiação. O acto foi presidido pelo sr. dr. Júlio Dantas, que se vê na gravura com o agraciado e vários académicos que assistiram à cerimónia.

AS CRIANÇAS REFUGIADAS DA GUERRA, que estiveram em Lisboa durante alguns dias, partiram para a América do Norte. Quando o «Mousinho» largou ferro, os pequenos viajantes agradeceram a nossa hospitalidade com um último sorriso, agitando muitas bandeirinhas portuguesas e americanas — símbolo do seu presente e do seu futuro — como que querendo esquecer o passado.

DURANTE UM DOS RECENTES BOMBARDEAMENTOS DE LONDRES, foi atingido um hospital, onde, infelizmente, o número de vítimas foi grande. A bomba perfurou o edifício e os vários andares sofreram prejuízos avultados. A fotografia mostra um grupo de enfermeiras removendo os escombros numa das enfermarias.

PANORAMA INTERNACIONAL

Por FRANCISCO VELLOSO

(Conclusão da página oito)

França jamais agiria contra a sua antiga aliada, declaração com a qual Churchill se manifestou satisfeito.

A questão, inserida no quadro geral dos principais interêsses britânicos e dos objectivos alemãis, é entre êsses dois homens representativos de duas opiniões opostas, jogando cada qual no seu trunfo: — o general De Gaulle e o almirante Darlan. O futuro da França será o da bandeira política que sair vitoriosa.

E sôbre isto também deveriam ter conversado, no Brenner, Hitler e Mussolini.

E talvez seja por causa dessa conversa que o general Smuts, voltado para Washington, clamou da capital sul-africana: *Venham de-pressa!*

TRÊS DISCURSOS E A MESMA CRISE

CHURCHILL

A semana fechou num esfusiar de oratória. Como se marcassem encontro nas mesmas páginas das gazetas no dia 11 — Churchill, Mussolini e Darlan falaram todos ao mesmo tempo, o que talvez desorientasse leitor desprevenido ou redactor de serviço pouco afeito a tanta abundância.

Começando pelo último, Darlan não adiantou coisa digna de nota depois dos calorosos protestos contra a invasão da Síria. Repetiu pouco mais ou menos o diapasão da confiança na Alemanha e avisou de que o menor desvio da França da linha da colaboração franco-alemã em que Laval e êle, Darlan, a colocaram, poderia autorizar Hitler a dar por nulo o armistício, «o que seria um suicídio».

Mussolini veio à Câmara Corporativa explicar os trâmites da Campanha da Albânia, de-certo havendo em conta os rumores da opinião pública. Não é isto, porém, o que mais importa na sua oração, proferida depois da entrevista no Brenner, senão a sua abstenção de referências à França, a quási ridicularização das ameaças norte-americanas pois Roosevelt por mais que faça, não chegará a tempo de salvar a Inglaterra, e, finalmente, o convite à Espanha para que aproveite, por sua própria iniciativa, êste momento a-fim de se apoderar do que lhe pertence (Gibraltar). Para fecho, a sua confissão de que a Grécia já estava condenada a ser *espaço vital da Itália*.

Churchill, agüentando bem duas interpelações rijas nos Comuns, deu-nos um modêlo de estratégia parlamentar, sôbre um motivo difícil: as causas da perda de Creta. Substancialmente, é o caso que faltaram, além dos aeródromos para a R. A. F., a artilharia anti-aérea para combater a aviação alemã, caída em chusma sôbre a ilha. Sabia no entanto o govêrno de tais carências. Não podia, dada a inferioridade em que se encontra quanto a armamento dessa espécie, desfalcar posições essenciais: as ilhas britânicas e Suez. Ordenou, porém, a resistência a todo o transe e ela permitiu absolver o esfôrço do inimigo, reconquistar o Iraque e abrir agora a campanha da Síria. E rematou: — «só há uma resposta à derrota, é a vitória», meridiana verdade que esta, como tôdas guerras desde que o mundo é mundo, continuará a ensinar sôbre cadáveres e escombros.

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º Telef. 2 6942 — Lisboa

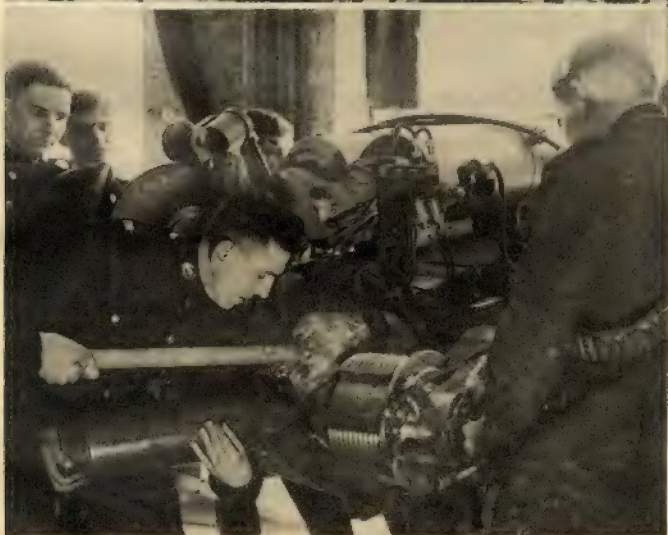
Visado pela Comissão de Censura

O FILHO DE ROOSEVELT, que ante-ontem chegou a Lisboa, esteve recentemente no Extremo e no Médio Oriente. Vêmo-lo na foto a falar com o general Wawell.

Artilharia BRITÂNICA em três Continentes

OS CANHÕES DO EXÉRCITO INGLÊS estão agora a postos nos três continentes onde a guerra alastra: na Europa, na Inglaterra; na África, no Egipto, na Cirenaica e na Abissínia; e na Ásia, na Síria e no Líbano. A foto, em cima, mostra-nos uma imponente formação de canhões de longo alcance montados sôbre carris de ferro — peças que se encontram, principalmente, na defesa dos numerosos objectivos das ilhas britânicas

A LUTA EM ÁFRICA, sob um sol abrazador, um calor escaldante, é difícil para os contendores. Há, por vezes, que lutar com o tronco nu e um pano atado na cabeça, que não suporta o capacete — como êsse soldado da artelharia do exército imperial do Nilo, que vemos na gravura à esquerda, em plena faina de reabastecer o canhão que está confiado à sua guarda numa das zonas de defesa de Tobruk.

NA EVENTUALIDADE DO ATAQUE À INGLATERRA, multiplicam-se, todos os dias, os treinos das numerosas fôrças encarregadas da defesa contra a invasão. Vemos na foto em cima, à direita, a guarnição duma peça anti-«tank» em manobras na costa oriental inglesa.

UMA PEÇA DE SEIS POLEGADAS VAI FAZER FOGO. Isto que nos mostra, num curioso instantâneo, a foto da esquerda, é episódio vulgar na lida do mar, a bordo dos barcos da marinha de guerra.

NA SIRIA, A MODERNA ARTELHARIA DE CAMPANHA tem tido um papel importante na condução do avanço das fôrças britânicas. A foto em cima, à direita, mostra-nos um aspecto emocionante da luta. A peça acaba de disparar. Uma nova granada vai entrar.

Deixe de se preocupar com o seu estômago

Existe um excelente específico, gabado por milhares de pessoas de tôdas as terras de Portugal, que não tem igual na rapidez dos efeitos, nem do bom paladar.

Ferve no copo (efervescência) e tem o gôsto de uma riquíssima limonada. Trata-se de uma composição de Sais de Frutas, de Magnésia Bismutada e de Sais de Fontes Célebres. Bebe-se com agrado. Não há azia que resista a êste bom remédio. Chama-se Sal Digestivo Ferba. Com êle não há digestões difíceis. Pode-se comer de tudo. Mesmo tomando-o sempre, nunca cria o hábito. É bom, pode usar o Sal Digestivo de confiança. Não ficará desiludido, qualquer que seja o seu desarranjo gástrico. O Sal Digestivo Ferba é o mais moderno de todos os remédios que reeducam o estômago.

Geralmente, basta um frasco para que o estômago fique completamente bom. Na maioria dos casos, nem é preciso tomar todo o conteúdo de um frasco. Neste caso, não se perde nada, porque o Sal Digestivo conserva-se indefinidamente. Nos casos incuráveis, tomando-o sempre, o doente chega a esquecer-se do seu mal. O Sal Digestivo Ferba é completamente inofensivo. Pode ser tomado por crianças, doentes com dieta, depois de uma refeição copiosa, etc., etc.

Nunca deixará de dispor bem a pessoa que o usar. Digno de nota é também o facto de o Sal Digestivo regularizar os intestinos, suprimindo a temível e perigosa prisão de ventre. Estimula a acção do fígado. Activa a secrecção biliar. Se dissermos que o Sal Digestivo Ferba actua ainda como fortificante do organismo inteiro, muito importante para as pessoas que sofrem do estômago, as quais têm tendências a emmagrecer e a perder ràpidamente as fôrças, parece-nos termos dado uma ideia aproximada das qualidades do Sal Digestivo Ferba. Êste óptimo produto é uma especialidade exclusiva da FARMÁCIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228 — Lisboa. (Neste momento e devido à guerra, só há um tamanho de frasco: o grande, económico, de 15$00). Peça o Sal Digestivo Ferba no seu fornecedor habitual. Se não encontrar, escreva um simples postal à

Farmácia Internacional

que o mandará na volta do correio, sem mais despesa alguma.

Tôdas as pessoas devem ter sempre presente êste axioma:

UMA BOA DIGESTÃO É A MÃE DA SAUDE.
O SAL DIGESTIVO FERBA
GARANTE-LHE ESSA BOA DIGESTÃO

Esta farmácia encontra-se hoje aberta até às 24 horas

Distribuição exclusiva em Portugal:

Agência Internacional

119, Rua S. Nicolau-LISBOA-Apartado 373

A cooperação da ITÁLIA na batalha de Creta

TROPAS DUM CORPO EXPEDICIONÁRIO ITALIANO embarcam para Creta onde vão colaborar com as tropas alemãs na ocupação da ilha.

DESEMBARCADAS, começam imediatamente a entrar em acção contra as fôrças defensivas.

O AVANÇO ATRAVÉS DO TERRITÓRIO PROSSEGUE até se conseguir a ligação com o exército do Reich.

NUMA BASE DE HIDRO-AVIÕES ITALIANOS, os aparelhos preparam-se para os ataques às fôrças navais inimigas. No primeiro plano, vê-se, em acção, um pôsto de defesa anti-aérea.

OS ALUNOS DA ESCOLA OLIVEIRA MARTINS foram ao cemitério da Lapa, no Pôrto, depôr uma coroa de flores no coval de Silva Pôrto — homenagem ao herói que tanto engrandeceu o nome de Portugal no sertão africano.

NO INSTITUTO ESCOLAR DA ORDEM DA TRINDADE, efectuou-se a sessão solene do encerramento do ano lectivo. Na foto, em baixo, vê-se um aspecto da cerimónia, quando o sr. dr. Francisco Maria de Sousa distribuía os diplomas aos alunos mais aplicados.

A SR.ª D. ADELAIDE FREITAS GONÇALVES fazendo, no Instituto de Cultura Italiana, do Pôrto, a sua conferência sôbre a vida e obra do grande compositor Donizetti.

O SR. MINISTRO DA FRANÇA (à esquerda) entregando as insígnias de cavaleiro da «Legião de Honra» ao sr. Conde de Vilas Boas.

O BARÃO D'ALEXANDRY ORENAGIANI, cônsul da França no Pôrto, com o vice-cônsul, sr. Wernet, e o eng. Custódio Guimarães, na séde da Liga dos Combatentes da Grande Guerra (em baixo).

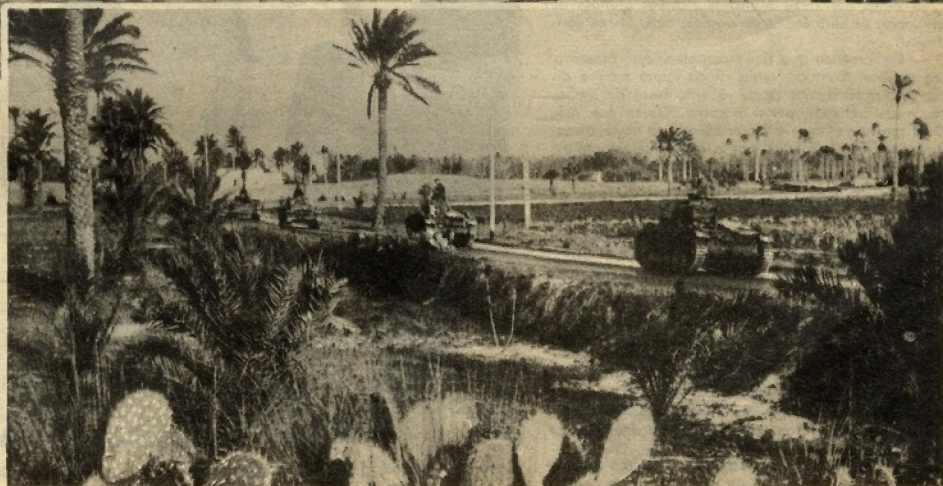
Vida do PÔRTO

A máquina de guerra do REICH na Zona do Mediterrâneo

O MARECHAL VON BRAUCHITSCH, chefe do Exército alemão, acompanhado de alguns oficiais do seu Estado Maior, inspecciona o material de guerra apreendido na Grécia.

A D. A. C. ALEMÃ, colocada agora entre as veneráveis ruínas e os mais famosos monumentos de Atenas, protege a capital grega dos ataques da aviação inimiga. — TROPAS ALPINAS DO REICH (à direita) avançam em Creta com os seus animais de tiro próprios.

ARTELHARIA ALEMÃ, puxada por carros blindados, atravessa um rio cujas pontes haviam sido dinamitadas pelas fôrças inimigas.

NO LITORAL DO NORTE DE África numa paisagem de beleza e melancolia, as unidades motorizadas alemãs deslocam-se em direcção aos seus objectivos

História duma grande guerra

por Antonio Botto

Á muitos anos os macacos falavam como falam os homens.

E viviam misturados os homens com os macacos.

Entanto, viviam mal.

Os homens não se davam bem com os macacos porque o homem considerava o macaco um animal inferior.

Nunca um macaco passava perto de um homem; passava sempre de largo.

Durante muito tempo tudo isto assim sucedeu até que um dia nasceu um Príncipe trigueiro nesta grande cidade à beira-mar debruçada.

E êste Príncipe trigueiro não manifestava desprêzo nem ódio pelos macacos; não senhor, pelo contrário...

Certa manhã, teria o Príncipe talvez uns doze anos, reparou como fôra brutalmente castigado um macaquinho amarelo que ficara todo ensangüentado, mas, como poude, pôs-se a correr e lá ia a coxear das pancadas que lhe deram até desaparecer ao longe numas árvores cinzentas, pequeninas e redondas.

— Meu pai, porque foi castigado, porque foi que bateram tanto com um pau naquele macaquinho tão engraçado?, preguntou o Príncipe a chorar com pena do macaquinho.

— Porque o macaco é um animal inferior e não serve para nada.

— Será, mas é nosso irmão.

O pai do piqueno Príncipe ia ralhar com seu filho quando êste percebendo a descompostura já a desenhar-se no olhar do autor dos seus dias se afastou sem mais palavras.

Então, o Príncipe trigueiro sentiu que deveria de futuro guardar a sua piedade pelos macacos sem que ninguém a pressentisse.

— Se um dia subir ao trono e for proclamado rei darei aos macacos uma melhor situação: macacos e homens serão tratados igualmente; as mesmas vantagens; os mesmos direitos; a mesma vida, porque uns e outros são uma e a mesma coisa. Só num aspecto diferem: há mais honestidade e lealdade entre os macacos.

Passaram-se vinte anos, e o velho rei falecia de uma dor de cotovelo.

Seu filho subiu ao trono.

— Meus ministros e vassalos; agora que sou vosso rei decreto esta lei humana que vem do meu coração: macacos e homens podem viver de hoje em diante nas mesmas casas e gosar das mesmas regalias. Podem discutir política sem terem preparação; podem ir ao Foot-ball, ao Cinema, ao Teatro, às Toiradas, às Exposições de pintura, a festas de caridade, e a outros divertimentos que tenham cunho elegante e não sirvam para nada.

Poderão matricular-se nos liceus, concorrer às Embaixadas, — numa palavra: estabeleço a igualdade em todos os campos da vida e em todos os pormenores entre macacos e homens.

Os olhos dos treze Ministros ficaram grandes de assombro, de surprêsa, e de revolta, mas, El-rei, continuou:

— Compreendo que ficais surpreendidos. Esperava. Era natural. Contudo, tenho ainda muito mais a dizer-vos: organizemos desde já uma festa de simpatia e de amizade pelos macacos. Quero que essa festa seja o melhor e o maior abraço da nossa camaradagem. É preciso que uns e outros sejam amigos ou irmãos. Os ministros ficaram calados. Não arriscaram palavra.

O rei teria enlouquecido? pensavam êles os ministros.

E o mais velho adiantou-se, a coçar no queixo, na careca, e a coxear, exclamou:

— Magestade! Ó Magestade!

— Não quero ouvir coisa alguma que possa aborrecer-me! Se vens falar-me com simplicidade, sem rodeios, e sem mentira, podes falar e eu oiço; mas, se pretendes mascarar a verdade e advogar qualquer intenção duvidosa sem beleza e sem moral, não percas tempo, — entendeste?

Arrastados, silenciosos, os Ministros, baixaram todos as cabeças e foram saindo e desaparecendo como sombras vagarosas...

Nêsse mesmo dia um emissário do rei dos homens foi ao sitio dos macacos e diante daquêle que pela sua muita idade era o velho soberano da macacada, disse, numa voz de timbre agradável:

— El-rei dos homens, meu amo, quere que sejamos irmãos. E quere, também, festejar êsse grande acontecimento na história do mundo com uma bela festa. Aceitai, pois, o convite que vos faço em nome de El-rei, meu senhor.

— Agradeço e lá iremos, respondeu o rei dos macacos.

Os mais antigos habitantes da cidade dos homens não se lembravam de outra festa mais bonita, mais rica, mais animada.

Bandeiras, festões de verdura, e alegria, muita adegria!

Largas mesas com frutas e peixes, assados, e galinhas assadas, e perdizes assadas, e leitões assados, e borrêgos assados, e cabritos assados, tudo muito bem assado, e em cada esquina da cidade dos homens uma grande pipa de vinho à descrição de quem queria beber. Linda festa! E a cada passo êste letreiro:

BENVINDOS OS MACACOS NOSSOS IRMÃOS

A festa era tão bonita que seria patetice não rir, ou cantar ou tocar ou dançar.

À noitinha, quando o hálito da noite espalha pelo infinito as estrêlas e se pressente a saudade do sol na luz nostálgica da lua, o rei dos macacos, apareceu rodeado por trinta e sete liais servidores, que vestiam bibes azues, chapéu alto, e luvas brancas. Mas, o rei da macacada, não parecia tranqüilo. Desconfiava dos homens; desconfiava que êles se arrependessem de levar até ao fim aquela manifestação de gentileza e simpatia.

Duvidava, e essa dúvida punha-o triste e deixava-o apreensivo.

Entanto, ali onde o rei dos homens o aguardava de pé, um letreiro com grandes letras encarnadas dizia:

BENVINDOS OS MACACOS NOSSOS IRMÃOS

Os dois reis — o dos homens e o dos macacos, abraçaram-se, e de braço dado andaram um bocadinho a discutir o efeito do foguete de lágrimas quando rebenta nos ares.

— Vivam os macacos! Vivam os nossos irmãos! gritavam os homens. Viva o rei dos macacos, viva!

Os macacos agradeciam e o seu soberano sorria. Os dentes à mostra muito sujos, em gestos muito massados reverência para a direita e reverência para a esquerda, andavam mortalmente aborrecidos os pobres macacos, coitados!, com mais vontade de se deitarem a correr, aos saltos, livres, à vontade do que andarem para ali curvados em cumprimentos, e amarrados àquelas insuportáveis delicadezas de sorrir, de cumprimentar, de falar, de dizer qualquer coisa — cortezia ou amabilidade, no fundo tudo impostura, mentira, tudo mentira! Mas nisto na grande praça o rei dos homens exclama:

— Até que enfim que chegámos à verdadeira igualdade...

— Macacos e homens, amigos! Chegou, finalmente, a hora de nos divertirmos juntos e juntos ficarmos na vida até ao momento leve da morte.

E a festa principiou.

Linda festa, sim senhor!

Não constava ter havido outra assim tão animada!

Mas, como sempre acontece, se a alegria é verdadeira, bebeu-se muito, bebeu-se demais, e não havia um macaco nem um homem que não estivessem bebados.

Gritavam, riam, pulavam; as anedotas, os discursos, as cantigas, as risadas, os idílios, as ternuras, os beliscões, e os abraços, — havia que ver aquilo!

Os mascacos imitavam os homens até na maneira de roubar um beijo; os homens imitavam os macacos até no mastigar da banana, e os macacos partiam as mesas, partiam as loiças, rasgavam as toalhas, faziam mija nos pratos, insultavam as mulheres, batiam nas crianças, cuspiam no chão e nos copos, — uma paródia original!

Os dois Monarcas pareciam dois bébés; de gatas, aos gritinhos, um e outro em fralda de camisa, faziam rir uma parede! Atraz dêles, aos bordos, caindo aqui, acolá, seguiam vários macacos...

Tropeçavam a cada passo em pernas nuas de homens de bôrco soltando pragas amáveis e resvalavam, escorregavam, em pedaços de fiambre com muita manteiga, em restos de pudim de amêndoa, em cascas de banana e de tangerina e em gorduras de borrego estrossalhadas aos bocados...

— Homem, senhor, e el-rei!, principiou o velho soberano dos macacos.

O outro tentava abrir o olho direito, fazia esforços para abrir o esquerdo, e às piruetas para poder agüentar-se de pé fazia rir uma ovelha se ali estivesse uma ovelha. E as ovelhas até hoje não têm achado piada aos ridículos do homem. Por fim, êste magestoso rei, cambaleou, e caíu, e adormeceu, e ficou a ressonar de assobio.

Então, os macacos presentes, — macacos, macaquinhos, macacões, sentiram a tentação e o desejo de uma simples partidinha ao rei dos homens. Uma gracinha, uma só!

Agora, a madrugada, aparecia tôda vestida de côres: amarelo, azul, encarnado, lilaz, verde, roxo, castanho, — e a vasta cidade acordava, e os homens seguiam para as suas várias ocupações ao mesmo tempo que um vibrante som de clarim e o bater de muitos tambores se ouviam entre cantigas de firme sabor marcial.

No meio da praça maior lá estava o primeiro ministro sentado a cheirar amoníaco com o calção vomitado e o olhar de carneiro mal morto inclinado para os calcanhares. Trèmulamente, murmurou:

— O nosso rei, povo amigo, não está no seu colchão real de sumauma da melhor; não dormiu na sua cama, e é preciso procurá-lo.

Já mandei formar as tropas; duzentos e cincoenta mil exércitos estão preparados e armados de carabinas austríacas, tankes de guerra construídos na Russia, metralhadoras das mais perfeitas, das que atingem o inimigo a qunhentos mil quilómetros por segundo, sem falar na aviação que é a mais bem organizada do mundo, não só pela quantidade de aparelhos que temos: oitocentos e cinco mil de bombardeamento e seiscentos e oito mil de caça, a mais modelar e fantástica máquina de destruição que até hoje foi possível inventar e construir, está nos nossos aeroplanos. Cada aparelho dos nossos pode conduzir novecentas e doze mil toneladas de bombas incendiárias e largar por minuto quinhentos mil quilos de metralha.

À procura de El-rei! Vamos procurar El-rei! gritaram todos em coro. — Queremos o nosso rei!, gritavam ainda com mais fôrça.

Três meninos serigaitas muito encardidos, as caras sujas de puré de legumes, ramelosos, e descalços, apareceram aos pulos, e numa forte algazarra:

— Nós sabemos onde êle está; nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos; e nós sabemos...

Atraz dos meninos serigaitas, marchavam as mulheres, atraz das mulheres marchavam os homens, e atraz dos homens os Ministros, e atraz dos Ministros um burro, e atraz do burro um papagaio.

Na verdejante aldeia dos macacos assentadinho sôbre a erva de um pequeno e simpático parque e de costas para uma olaia, El-rei, dormia o sono solto, e ressonava assobiando como os melros.

Cortaram-lhe o loiro cabelo, e a cabeça redondinha amarelenta e lustrosa brilhava ao sol da manhã como se um melão maduro ali se oferecesse humilde ao primeiro caminhante...

Os bigodes enfeitados com murta e goivos e papoilas; na garganta um laçarote de papel pardo; a cara pintada com bôrra de vinagre, as mãos atadas com retroz, ao pescoço um colar de bananas, e o corpo todo envolvido em fôlhas frescas de platano.

E como se tudo isto não bastasse, aos pés estava um cartaz com estes dizeres escritos a cal num fundo negro:

O REI DOS HOMENS É ISTO!

À morte, os macacos!, berrava o povo maguado com a troça e com aquela falta de respeito a um monarca, a um soberano.

El-rei acordou, e os ministros levantaram El-rei.

Alguns sorriram; outros largaram a rir escancarando as bocarras.

El-rei chorou: era o fim da bebedeira.

— Enganei-me, povo amigo: a semente é uma coisa, a flor é outra, e o fruto é outra. Três coisas inteiramente distintas tendo, entanto, a mesma origem. Sim enganei-me. E é urgente que se faça divisão entre os macacos e divisão entre os homens. Não pode haver igualdade. E dizendo isto tossia levando as mãos à garganta sèriamente atrapalhado. — Não pode haver igualdade! Seria a morte da vida. Seria matar o sonho e o sonho é sempre para o homem o que a luz é para o mundo. Igualdade!, ó igualdade! Aonde se encontra o sentido desta palavra vazia?

Nada é igual. Até o amor varia mesmo quando se repete.

— Uma sova nos macacos! Vinguemos o bixo homem!, gritava uma rapariga.

— Acho pouco disse El-rei. Vou construir tribunais, efectuar julgamentos, publicar condenações.

Rufando tambores e ao som dos clarins os homens entraram armados na aldeia dos macacos.

À guerra!, gritavam uns. À morte! gritavam outros.

E o rei? Onde está êsse fantoche? Não é rei, é um fantoche.

— Fantoche, não; sou um rei. Mais selvagem, mas, mais puro: e a pureza é uma virtude. Aqui estou: trazeis-me um novo convite?

— Se é convite vingar uma afronta, sim senhor, o que trazemos é um convite.

— Mas nem eu, macaco régio, nem a minha gente, certamente, foi capaz de ofender o vosso rei ou um homem da vossa nobre cidade!

— Pois está enganado: os vossos maccacos, a vossa gente, como dizeis orgulhoso, insultou o rei dos homens e o mais gravemente possível.

Vestiram-no com fôlhas de platano, cortaram-lhe o cabelo, enfeitaram-lhe os bigodes, pintaram-lhe as mãos e a cara, e puzeram-lhe ao pescoço um colar de bananas verdes, acha pouco?

— Isso foi uma brincadeira infantil motivada pelos excessos do vinho.

— Ah!, chamas-lhe brncadeira? Foi insulto e muito grave. E o meu rei não merecia tamanha falta de respeito. Abusaram; não souberam compreender o seu gesto, a sua bondade de pretender igualar aos homens os macacos, de os unir num grande e fraternal abraço, mas viu, tristemente, que não é possível, estabelecer a igualdade na vida. Uns nascem para servir e obedecer, e outros para mandar. Não pode haver igualdade! Infelizmente, não pode! El-rei foi um visionário, mas, está arrependido. Os bixos são bixos e os homens são homens. Tentar ligar uns e outros foi uma triste loucura. Se entre os homens a rivalidade e o ódio são o pão de cada dia como seria possível meter os bixos no caso?

Grande loucura de El-rei!

Mas, basta; falei de-mais. A minha credencial inclue a ordem de prisão. Sois nossos prisioneiros.

O rei dos macacos nem pestanejou. Voltou-se para a macacada e disse numa voz velada de tristíssimo sabor: — Vamos! El-rei dos homens mandou um seu ministro prender-nos; devemos obedecer.

Apregoaram tanta igualdade que o resultado não poderia ser outro: uns vão acabar à fome na cadeia porque brincaram sem respeitar determinados preconceitos; outros, vivendo à rédea sôlta com leis e decretos que eles próprios fabricam, — mas só para os outros!, continuarão na mesma hipócrita atitude de parecerem pugnar pela moral e pelo bem.

E com efeito lá foram presos à ordem de El-rei.

Eram milhares de macacos de todos os tamanhos, de tôdas as côres, e os rabos — uns muito compridos e delgados; outros, grossos e curtinhos, davam ainda mais movimento aquela parada de macacos marchando prisioneiros à ordem de El-rei dos homens.

Quando chegaram, o primeiro ministro, apareceu sem colarinho a uma varanda do palácio e declamou, com um garfo na mão direita, êste breve discurso:

— Regressámos vitoriosos e a afronta a El-rei será duramente expiada.

— Isso não tem só piada tem até um piadão, dizia um velho boticário que não ouvia muito bem.

E o Ministro continuava: Como as prisões vão ficar abarrotadas de macacos, atulhadas até à porta, os homens, de hoje em diante, nunca mais serão presos a não ser que os macacos morram de aborrecimento ou de saudade.

— Ou de frio e de fome, gritou o rei dos macacos.

— Ou de estupidez, atirou a rir uma macaca desiludida do amor.

— Não consinto que me interrompam, exclamou o primeiro Ministro.

— Silêncio! gritaram vários homens de chapéu de côco.

E o primeiro ministro continuou: Os que não couberem nas cadeias ficam nas casas de banho e nos patamares amarrados ao corrimão das escadas, e os que sobrarem, ficarão como escravos das nossas vidas para o que fôr necessário. Cada pessoa pode requisitar desde já os macacos que precisar numa fôlha de papel almasso de vinte e cinco linhas embora o fornecimento só possa ser efectuado depois de terem entrando nas cadeias aqueles que lá couberem.

E de hoje em diante os trabalhos que os homens faziam passam a ser desempenhados pelos macacos.

Uma salva de palmas rebentou de todos os lados.

Aquela abolição do trabalho caía muito bem entre os homens. Caía mesmo muitíssimo bem. E creio que hoje se um Ditador ou um Rei ou Presidente ou um Chefe, decretasse a mesma lei, a alegria, o contentamento, o entusiasmo dos homens seria maior ainda.

Procedeu-se à divisão dos presos pelas várias cadeias, e desde êsse dia, nenhum homem trabalhou na velha e grande cidade.

Os homens mandavam; mandavam e nada mais.

E os macacos trabalhavam.

E o tempo passou; passaram dias; passaram mêses e anos.

Nas prisões, os macacos, morriam, e as glândulas eram aproveitadas para o rejuvenescimento das pessoas de alta roda, e os que ficaram como escravos dos homens já não podiam suportar aquela cruel sujeição.

Revoltados, uma noite, um dos macacos pensou: E se o rei dos macacos falasse ao Monarca dos homens pedindo-lhe um pouco de clemência, menos dureza, menos chicote, e um pouco mais de liberdade, não seria uma idéia?

— Boa idéia, boa idéia!, disseram os outros macacos.

E o soberano vencido pediu ao soberano vencedor clemência e um pouco de liberdade para êle e para a sua gente.

— Tu falas em liberdade? Não quero ouvir essa palavra pronunciada por ti.

A clemência que me pedes é decretar mais uma hora de trabalho. Tu e os que ficaram como tu escravos das nossas vidas passam a trabalhar diàriamente das sete da manhã às sete da tarde.

O rei dos macacos calou-se, mas, dias depois, voltou a falar a El-rei:

— Voltaste a incomodar-me com a mesma ladainha? Mais uma hora de trabalho: Das sete da manhã às oito da noite será o vosso novo horário.

— Seja, magestade, seja!

E passados uns dias insistiu na mesma súplica dolorosa.

— Outra vez?!, dizia o rei dos homens, aos berros, furioso, e aos saltos. Outra vez, velho macaco?

— Sim, Magestade; outra vez. E tantas outras voltarei até conseguir tocar no vosso mau coração.

— Que me dizes tu macacão?

— Só isto, real senhor!, Pedir justiça e piedade. Não peço igualdade, não!

— Mais três horas de trabalho, gritou El-rei alucinado. Começam às seis da manhã e largam às dez da noite. e se voltas a pedir-me clemência decreto que te cortem a língua e a todos os da tua raça!

Um pouco assustado, o velho rei dos macacos resignou-se ao seu destino e aconselhou paciência e fé a todos os macaquinhos, macacos, e macacões.

Nas cadeias todos o dias morriam vários macacos. E alguns homens foram presos por burla e por vadiagem.

— Até que enfim que chegámos à verdadeira igualdade dizia um jovem macaco a um homem de fato cinzento e pulseiras no braço direito. Aqui é que somos todos iguais; e pelo que se vê parece que só a desgraça conduz à fraternidade universal!

Aqui, sim; agora, sim; agora, somos iguais; Agora, somos irmãos!

Anoiteceu de repente.

Lá fora pelas ruas da cidade, havia tiroteio violento e gritos e correrias e choros e ais e gemidos.

— Viva a liberdade!, era o clamor da macacada.

— Cortem a língua a esses doidos! berrava o primeiro Ministro à porta de uma barbearia.

— Fujam!, exclamavam os petizes amigos dos macacos.

E os macacos, todos os macacos, tôda a família dos macacos, excepto os que ficavam nas prisões, todos quantos suportaram a negra escravidão dos homens e num momento de revolta colectiva abandonaram os seus postos de sacrifício, se refugiaram na selva onde ficaram e onde vivem.

Continamente os macacos aguardam a invasão dos racionaes, e a cada momento os macacos são mortos e perseguidos. Mas ainda bem que assim sucede porque no dia em que o homem não encontrar divertimento e prazer em perseguir os macacos e outra bixaria — a caça ao leão, à pantera, ao elefante, às codornizes e às moscas, no dia em que o homem desprezar essa velha distracção, — a inveja, o ódio, a hipocrisia, e todos os mais componentes da sórdida comédia humana, aparecem multiplicados, no homem inimigo do homem.

A MILHARES E MILHARES DE QUILÓMETROS de distância da Europa, uma guerra sem tréguas, violenta e cruel, desenrola-se há anos. China e Japão lutam pelo «equilíbrio» na Ásia oriental. Kung-King, onde Chan-Kai-Chek instalou a capital provisória do seu país, volta, de novo, a ser bombardeada pelos aviões japoneses. Os incêndios multiplicam-se, as chamas sobem alto. Centenas e centenas de pessoas ficam sem abrigo. A velha cidade do interior transforma-se, certa manhã, num braseiro imenso. Mas o fogo extinguir-se-á — e a guerra continua.

XUNG-KING

bombardeada pelos japonêses